

transcrição

## Paisagem e Imagem Paisagística

### Contribuições para um enfoque contemporâneo

**Miguel Vitale****Tradução: Fábio Lopes de Souza Santos**

Arquiteto e urbanista, professor doutor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos, Avenida Trabalhador Sancarlenense, 400, CEP 13566590, São Carlos, SP, (16) 33739294, e-mail: sotosantos@uol.com.br

**Revisão técnica: Manoel Rodrigues Alves**

Arquiteto e urbanista, professor doutor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos, Avenida Trabalhador Sancarlenense, 400, CEP 13566590, São Carlos, SP, (16) 33739294, e-mail: mra@sc.usp.br

### Considerações

Este texto se propõe a problematizar conceitos derivados de projetos de pesquisa inseridos nos programas CAI+D da Universidad Nacional de Litoral de Santa Fé, Argentina, sobre problemáticas urbanas contemporâneas e nucleia desenvolvimentos de disciplinas em relação a filo-epistemologia contemporânea e sua influência na atividade projetual dos dias de hoje.

Alguns segmentos de seus conteúdos foram ampliados e expostos na forma de propostas projetuais por ocasião dos Seminarios Internacionales da Red Hipótesis de Paisagem, nos encontros ENIAD da Universidad de La Plata, e colocados em prática em cursos à distância na Red Multicampus da UML.

Finalmente, no Laboratorio de Exploraciones Formales, atividade extracurricular atualmente desenvolvida pelo autor na FADU-UNL, colocam-se em prática, em caráter experimental, os mapas conceituais extraídos das pesquisas. Certamente, não faltarão oportunidades para o desenvolvimento específico desta atividade, que constituiu o cerne da palestra "Grafologías Urbanas y Exploraciones Formales" ditada na recente visita à Escola de Engenharia de São Carlos, USP. Aproveito a oportunidade para agradecer a atenção recebida na instituição.

Por se tratar de pesquisas com marcado enfoque culturalista, o leitor deve compreender que recorramos necessariamente a uma síntese nos campos disciplinares que percorremos, para dar conta de elementos e deslocamentos físicos - simbólicos da paisagem e da imagem urbana - na observação dos processos de transformações da cidade média.

Confiamos que o modo de aproximação do texto a outros, nutrientes de épistemes disciplinares, abrirá possibilidades de leituras interpretativas entre cultura - cidade - paisagem.

Abre-se agora uma nova oportunidade, dada pelo convenio acadêmico celebrado entre a EESC, através de seu Departamento de Arquitetura e Urbanismo e a Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo de la Universidad Nacional del Litoral, a possibilidade de pesquisas e atividades acadêmicas conjuntas sobre problemáticas das cidades medias, hoje em dia, o que provavelmente permitirá outras contribuições e visões críticas.

### Enfoques

*"Al hacer un balance, ¿qué es un pliegue? Un germen de forma. Pero, ¿qué es un germen sino un conjunto de pliegues? O pliegue es el elemento de la forma, o átomo de a forma, sí, su clinamen.*



**Figura 1:** No lado esquerdo, a paisagem urbana da centralidade da cidade de Santa Fe, à direita a paisagem dos corredores interurbanos.

*Pero, ¿qué es una forma? Respuesta: algo liso con pliegues.*” (Michel Serres, Atas, 2 -Espacio Local)

A contemporaneidade abre interrogações sobre as interpretações simbólicas, modos de uso e apropriações físicas dos espaços urbanos, exibindo novas textualidades morfológicas procedentes dos signos culturais.

As disciplinas projetuais transitam na atualidade por uma cidade que, por um lado, busca conservar as tradições da centralidade e do lugar urbano, mas na qual se observam fenômenos de migração de seus paradigmas físicos e semânticos, dando lugar a uma paisagem inédita, cenário de sobreposição de layers, continuidades dizimadas e descontinuidades fragmentárias. Um puzzle sincrético e heterotópico, no qual desde um ponto de vista filo-epistemológico, se entretecem a glocalização sociológica, as antropologias da proximidade etnográfica, as estéticas dismétricas<sup>1</sup> do final do século, as operações mediatizadas da imagem e os situacionismos agenciadores<sup>2</sup>, sujeitos a quaisquer eventos de realização incerta ou conjuntural, épistemes que atravessam o conceito de paisagem. Dobras.

Neste sentido, percebem-se, entre outros indicadores, na deslocalização dos espaços públicos, deslocamentos nos consensos sociais do valor, processos de desmaterialização e de virtualização da cultura material, presença de áreas urbanas emergentes e de vacâncias em estados de indeterminação, fatores que incidem nas formas de pensar e de propor categorias para a ação projetual paisagística em nossos entornos urbanos.

Não se trata da negação do sentido da vida nas cidades, mas da procura do sentido fundamentado na re-interpretação conceitual dos espaços urbanos. Esta deve procurar pelos significados, antes que na densidade dos significantes, na indagação projetual e paisagística da intensidade e diversidade de situações, imagens e eventos presentes na cidade.

Estas espacialidades dão conta de marcas frágeis na construção do lugar urbano, mas ao mesmo tempo são signos indiciais, parafraseando Peirce “índice do sentido”, que podem assumir a projetualidade em áreas e territorialidades difusas da cidade atual. Na qual, o lugar não parece ser a chave interpretativa, mas sim o acontecimento.

<sup>1</sup> Dismétricas. O autor utiliza o termo como sinônimo daquilo que se desenvolve fora da regulação da medida conhecida. (N.T.)

<sup>2</sup> O autor utiliza o termo na acepção de Deleuze, daquilo que é adquirido na oportunidade. (N.T.)

Espaços em trânsito, desde a estrutura física e semântica para a condição de estruturalidade.

As “formas urbanas”, tecidas no discurso social e na historicidade dos modos espaciais de habitar, encontram, no conjunto de dilemas coetâneos, os interstícios da narração transcursiva nas “figuras-imagens da transurbância”.

<sup>3</sup> Ecceidade, Deleuze, do ser. Um eis, indicialidade pura, a ecceidade é tanto ponto extremo, acontecimento singular do processo de individuação quanto é puro relato, relatividade afirmativa em formação precisa. Ecceidade, derivada, do latim haec-idade (Duns Escoto), atualizada de uma derivação do latim ecce+idade, é elevada ao patamar do clamor do ser (por Gilles Deleuze): essencial singular, imanente e unívoca: uma vida. (in <http://pt.conscienciopedia.org/Debate:Ecceidade>)

A ecceidade<sup>3</sup> estabelece novos conceitos entre cultura urbana, imagem e paisagem, produções que tendem a uma cotidianeidade performativa. Sem genes.

Não é novidade a relação entre figuração e conteúdo. É inédita, porém, a necessidade de atualizar o conhecimento e de explorar projetualmente estes espaços sintomáticos que se fazem presentes na imagem, “sinal débil” da linguagem, a cidade das diferenças, em trânsitos da estrutura à estruturalidade distópica.

A condição de paisagem se situa na própria natureza de suas estruturas, como também na diferença de sua desterritorialização, na desnaturalização, no estado viscoso, fluidificado, dos expressáveis da

imagem. Eis aqui o motivo de auscultar estas figuras textuais, “grafias silenciosas da paisagem”, através de metodologias de pesquisa fenomenológica, que requerem a análise de sua particular condição heterotópica grafológica.

## As pesquisas anteriores

Pensar uma hipótese sobre a paisagem contemporânea é tão desafiador quanto interpretar a contemporaneidade como uma “paisagem única”: panorama ou lugar de domínio.

Construir hipóteses (teses argumentais) no discurso da paisagem hoje exige aspectos críticos e sensíveis que podem ser inferidos como uma cartografia das diferenças na cultura, cuja matriz se conceitua desde, entre outras, posições cognitivas, psicológicas, estéticas, filosóficas presentes na diferença entre os diversos componentes da cultura atual.

Os constructos epistemológicos aqui lançados conformam uma trama de saberes transdisciplinares, resultado de avanços obtidos nas pesquisas, sintetizados com a finalidade de oferecer uma orientação ao leitor.

**Figura 2:** Enclaves, hiatos e fragmentos na paisagem da cidade emergente, onde seria necessário repensar a estética e o valor paisagístico.





Seus desenvolvimentos ocorreram nos seguintes projetos de pesquisa, que contaram com a participação do autor, durante o período 2000 / 2004, no contexto dos programas de pesquisa CAI+D da Secretaría de Ciencia y Técnica de la Universidad Nacional del Litoral:

“Morfogénesis y Transformación del Diseño en el Ambiente Urbano”, âmbito de exploração da imagem e analítica de sua condição de exceidade, desenvolvendo a semiótica indicial, a estética dismétrica, a heurística enunciativa e a imagem urbana como agenciamento exploratório de seus elementos visuais que a conformam, em seu sentido adviniente<sup>4</sup> e performativo.

“La Textualidad de la Imagen Proyectual”, projeto que se ancora nas linhas do pensamento de Derrida e Deleuze, a revisão dos pressupostos disciplinares de método, axioma, repetição e semelhança. Nesta perspectiva, textos, hipertextos, linguagem, discursos, meta-discursos e narrativas de interfase

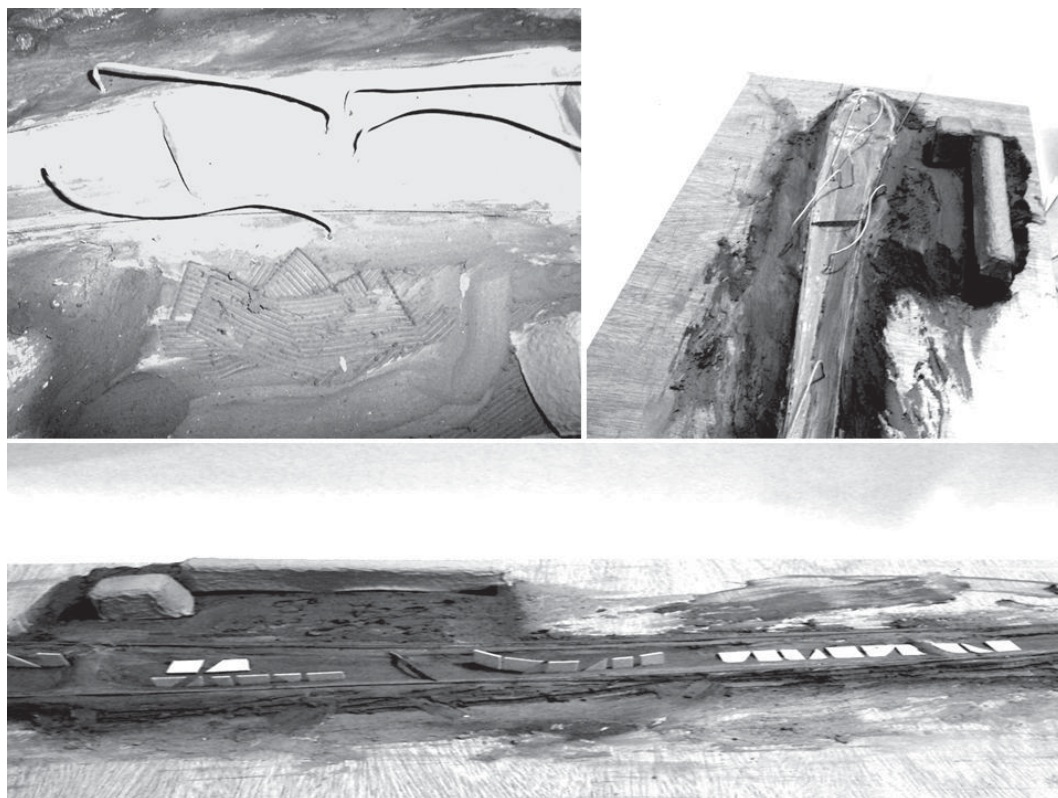
urbana, são vistos em cenários atuais de sobreposição de layers e condição de descontinuidade.

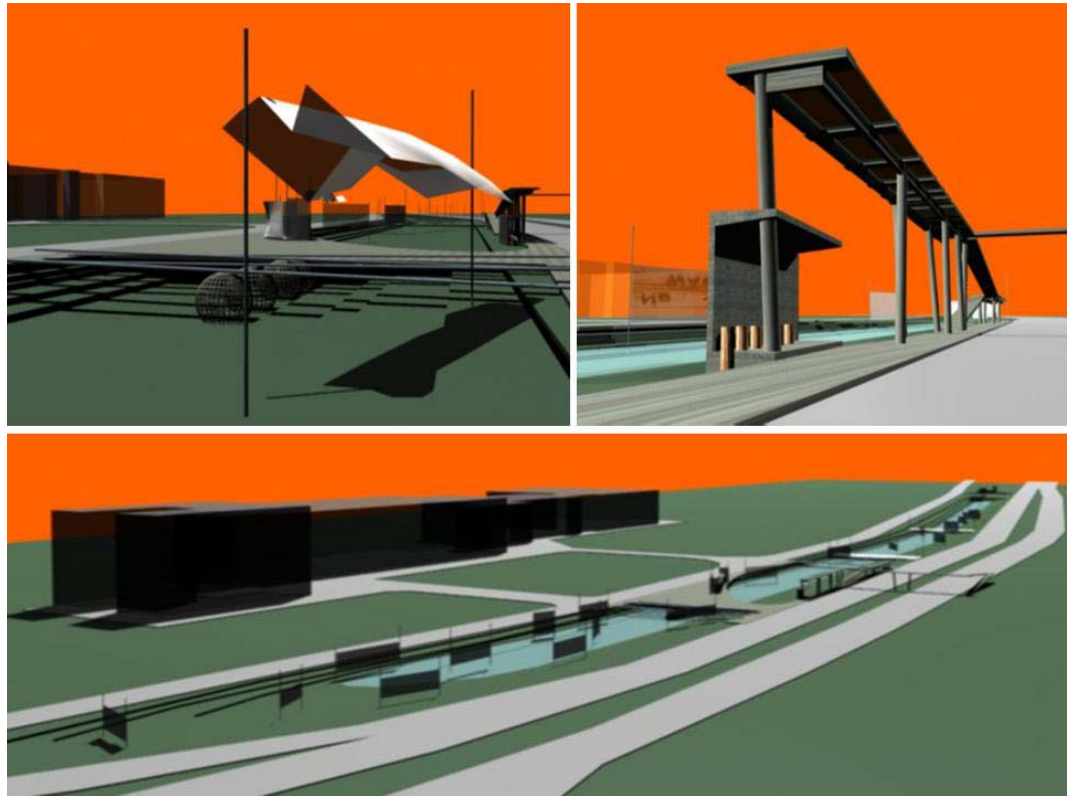
“Topología de la Discontinuidad. Santa Fé y el Espacio Público”, pesquisa orientada a esclarecer a tensão entre as mudanças nas formas de apropriação dos espaços urbanos tradicionais e a emergência de novos âmbitos cujo caráter público se afasta da noção convencional de público. Nela investiga-se um estado de situação que leva a suspeitar de uma mudança no conceito, na imagem e na valorização do espaço público.

Atualmente está sendo desenvolvido o projeto de pesquisa CAI+D 2005 “Grafologías Mórficas en la Urbanidad Coetánea”, que conta com a colaboração de dois assessores estrangeiros, os professores arquitetos Manuel Rodrigues Alves, do Departamento de Arquitetura da EESC-USP, e Alberto Gurovich, da Universidade do Chile, que se encarregam da necessidade de intercambiar e

<sup>4</sup> O autor utiliza o termo na acepção de Deleuze: o tempo, passado, presente e futuro, em uma só unidade. (N.T.)

**Figura 3:** Oficina Projetual em Morfología Urbana 2005. Exploração do lugar e da topografia paisagística por meio de modelações analógicas.





**Figura 4:** A proposta foi pensada a partir de equipamentos públicos dispostos na vetorialidade da paisagem.

aprofundar as problemáticas da paisagem urbana para além do caso de Santa Fé - com o qual iniciamos nossas indagações, colocando-as em um contexto latino-americano.

As conferências, seminários, workshops e apresentações conjuntas em eventos criaram a oportunidade de gerar uma acepção particular da paisagem, aquela da “pesquisa acadêmica”, que com certeza ampliaremos como um trabalho de equipe.

### Sobre as Paisagens da Paisagem

O olhar sobre tal questão contemporânea se desvia da linha clássica de análise, diagnóstico e proposta, adotando como seu campo um território e uma desterritorialização.

A permanência do traço perceptual semântico flui pelos interstícios dos paradigmas estabelecidos, produzindo a sensação de que toda paisagem é

aqui e pertence ao mesmo tempo a um outro lugar (lugar e desaparecimento do lugar), aos quais se referirá como neo-fenomenologia e estética da ausência.

A paisagem é também estranhamento, como se nós pretendêssemos uma condição única antropológica do sujeito que a pensa e aquele que a usufrui, tão difícil como as coincidências de caminhos e territórios no enfoque sobre o cotidiano cidadão de Michel de Certeau e a visão quase lável dos não-lugares de Marc Augé na condição do sujeito e de sua relação com o espaço urbano.

O primeiro na obrigada tentativa de recorrer a Austin e Wittgenstein na linguagem cotidiana, Augé desandando a antropologia desde posições deleuzianas. Humus fértil e solo árido; diferente é a questão, mas provável e co-presente é a lição destes autores pertencentes à mesma paisagem intelectual francesa do fim deste século.

Sucintamente, sob o conceito de espaço liso e estriado, propõe-se uma interpretação da paisagem da fertilidade e da aridez.

A questão dos limites e da legalidade do lugar-paisagem foi extrapolada em alguns casos, atravessados por um impacto de saturação. Tempo e lugar nos ultrapassam, enfraquecendo a monologia cronológica impossível de concentrar: a diversidade.

A visão certa e uma certa visão do paisagístico tornam necessário distinguir na noção de paisagem a trama de diferentes paisagens: a mental, a textual, a perceptual-representacional e a da apresentação. Posso declarar minha incompetência sobre a especificidade de cada uma delas; apontaria Derrida, que é simultaneamente uma declaração do estado de alerta de competência sobre as quatro.

Quem ler, aprecie a oportunidade do intercruzamento de seus sentidos e epistemologias ou poderá permanecer na digna posição de um diagnóstico clínico. Este texto constitui uma re-elaboração de trabalhos que o antecedem sobre a cultura urbana contemporânea e sobre a textualidade da imagem projetual, trabalhos que deram origem a projetos de pesquisa em andamento.

Como na paisagem de Enric Miralles, que tanto apreciava escrever sobre seus próprios desenhos, re-configurar as próprias anamorfoses de seus gráficos, buscando o momento da ruptura cronológica e o encontro do tempo das diferenças que o decalque de si mesmo outorgou à sua diacronia subjetiva, à sua subjetividade plástica estetizante, tão objetiva. Não vem ao caso discutir se o olhar sobre a paisagem deve ser objetivo ou subjetivo ou se seria melhor pensa-la como exceção, acontecendo e se constituindo no próprio momento da visão criativa, no discurso e no transcorrer dos acontecimentos. Buscando a frequência em que os hertz igualam a medida da sintonia, mas, ao mesmo tempo, a intensidade daquilo que foi escutado introduz diferenças na sonoridade.

As imagens em questão são produto de experiências exploratórias acadêmicas e de propostas projetuais relacionadas à condição e à contingência da cidade

difusa, expansiva, peri-urbana; cidade que apresenta os efeitos de uma "metropolização não vivida", e na qual procuramos discernir seu acontecimento na projetualidade e na imagem da paisagem, na escala média de Santa Fé.

A contemporaneidade é um importante agente modificador do conceito de paisagem, pois é "na" e "pela" coetaneidade que se operaram as transformações, transposições e efetivações. Este fato nos leva a considerar a paisagem em estado enunciativo, seja por operações de re-atualização conceitual, ou por novas formas territoriais físicas, nos processos de urbanização e de indeterminação urbana.

As hipóteses da visão certa acontecem na passagem entre a tradição paisagística, fundamentada na interpretação "linguoescriturária", que introduziu nas disciplinas projetivas o discurso sobre "a língua que codifica a paisagem" e a maneira pela qual, atualmente, podem ser analisadas as migrações desde a linguagem da paisagem à imagem da paisagem: as narrações das "línguas que expressam a paisagem". Tais hipóteses se sustentam por meio da re-interpretação do sentido da projetualidade e pelas inéditas relações entre arquitetura e os novos formantes urbanos, elementos que expressam a imagem urbana.

Seria necessário cartografar, como em um mapa de intensidades, os estados indiciais culturais que repercutem na urbanidade. Tal cartografia é complexa, multirreferencial e multidiferencial. A paisagem do fim do milênio, com perdão da homofonia, conforma uma passagem de uma viagem que não é definida ponto a ponto, em algumas paradas do percurso não se poderá descer, em outras, descobriremos o inesperado, simplesmente ao passar. A percepção mnemônica se sobrepõe à percepção paisagística adviniente.

### **Indicadores para a análise do estado de situação da paisagem**

Os seguintes tópicos e entrecruzamentos epistemológicos são indagações presentes nas pesquisas como determinantes culturais, vestígios de deslocamentos nos constructos disciplinares e na fenomenologia paisagística. Detectados como

emergentes da cultura do fim do século, tais tópicos aparecem contextualizados em Santa Fé, exemplo de cidade média:

1-A paisagem da cidade histórica coaguladora de constantes perceptivas, formas e significados transpõe a paisagem paradigmática, passando a um estado de situação da diferença paisagística (vacâncias ou territórios exolimitados<sup>5</sup>)

2-O campo de atuação das operações paisagísticas em áreas semanticamente degradadas e perante a carência de referencialidade se desloca em direção a elementos tensionais de agenciamentos, sob a forma das intuições pensáveis (conforme Husserl).

3-A paisagem mudou seu paradigma estético nos espaços da cidade difusa.

4-O conceito de percepção/significação se sobrepõe e se complementa com o de neo-percepção / intensidades.

5-O discurso textual que fundamenta a maneira certa da paisagem pode ser pensado como uma certa maneira de narração para-textual multidisciplinar.

6-Desde a perspectiva do pensamento contemporâneo, a paisagem também pode ser reinterpretada como uma disjunção entre o espaço liso da teoria e o espaço estriado empírico, agindo sobre este último desde a oportunidade performativa.

7-A virtualização, aceleração e desmaterialização que a cultura impõe ao mundo concreto, coloca em debate as correspondências biunívocas entre idéias e formas físicas, superando a lógica da oposição linear entre paisagem-natureza e cultura.

### **A paisagem do espaço mnemônico: A filosofia do lugar na cidade**

A matriz filosófica, fonte principal de influências, nas correntes paisagísticas urbanas do século XX, foi fornecida pela filosofia do *dasein* heideggeriano (ser no tempo), expressão da recusa à anomia proposta pelo funcionalismo do movimento moderno, no qual o habitar humano é o ser-no-mundo.

O texto construir-habitar-pensar, conferência que Heidegger dedicou ao espaço, concentra sua atenção na escuta da linguagem, na posição do quadrante, na relação homens-mortais-deuses. A linguagem do espaço é grega e a Grécia é a origem do primeiro deslocamento: da *physis* à filosofia (das coisas ao saber), das colônias a Polis.

Instituiu-se a relação ser-tempo-habitar. Estes princípios ontológicos foram retomados por Norberg-Schulz em suas obras "Existência, Espaço e Arquitetura" e "Intenções em Arquitetura", textos paradigmáticos para a fundamentação teórica que instaurou um duplo cruzamento de epístemes: o ser existencial e a fenomenologia, isto é, entre as percepções da paisagem urbana (na linha psico-perceptualista de Lynch e Cullen) e as bases da filosofia do existencialismo.

Desde um enfoque marxista, Aldo Rossi em "A Arquitetura da Cidade" define como expressão do *genius loci* ou locus, assimilável ao lugar-topos, ficando marcados pontos de coincidência, desde perspectivas sócio-ideológicas diferentes.

Em Aldo Rossi são as taxonomias tipológicas das formas urbanas, as que podem sintetizar o monumento urbano como articulador da paisagem da cidade. No caso de Norberg-Schulz é o sistema estrutural de canais e recintos que sinalizam as direções e metas constitutivas da materialização da paisagem existencial da cidade. A modelação física da paisagem sob este corpus teórico foi projetada por meio das coordenadas: estrutura, identidade e significado. A estabilidade da imagem ambiental urbana é capaz de recuperar através de associações seriais perceptivas, cadeias de simbolização em um espaço físico historicamente simbolizado: a praça na malha urbana é centro e o parque urbano periférico é limite.

A paisagem urbana disposta em limites e centros. Poeticamente habita o homem, diz Heidegger, estruturalmente, ordena a memória do lugar.

A paisagem, em sua dupla condição perspéctica, "é": idéia e empíria tocam-se no lugar, foco da percepção física e centro da teorização, emblematizando a paisagem da cidade. É então

<sup>5</sup> O autor utiliza o termo no sentido de territórios que existem além da cidade consolidada, via de regra em áreas de expansão urbana como a Cidade Universitária de Santa Fé. (N.T.)



**Figura 5:** Laboratorio de Exploraciones Formales 2004. Investigación do lugar por meio das impressões de suas imagens, percebe-se uma paisagem de estímulos visuais intensos, discontinua em suas variantes formais, acumulação cinética de matéria e de elementos arquitetônicos.

representação do ser social em sua correspondência tempo-espço e substrato, o ser que habita “desde sempre”.

Hans Gadamer, na década de 1950, refletia acerca da noção de “efetivo histórico”, como a história que produz efetivamente o presente. Começa a perceber as dificuldades na presentificação temporal do -ser no tempo - de Heidegger, de quem retoma algumas de suas posições filosóficas iniciais, embora tomando distância do pensamento tautológico grego do último Heidegger, introduzindo na fenomenologia “o presente” como condição para o “desde sempre”.

Por outra parte, Brentano, Husserl e posteriormente Merleau-Ponty abriram na fenomenologia interstícios de diferentes traçados. Husserl inaugurou a necessidade de um pensamento que superasse o dualismo Platônico - Aristotélico ao se perguntar o “que dizem as coisas que vemos” e o que de sua “expressão” se intui “nas” coisas.

Ponty situa sua discussão na trilha que conduz do situacionismo ao estruturalismo da psicologia gestáltica; observou que os indivíduos captam o mundo exterior em “situação”, sob fatores externos que formam a consciência objetiva e que esta repercute na consciência subjetiva, incrementando a complexidade do mundo da reflexão. Deixou aberta uma pequena fresta na relação corpo, sentidos, consciência e mundo objetual, que, retomada pelos situacionistas nos anos 1960 e 70, conduzirá à revalorização fenomenológica da paisagem.

Esta questão reaparece hoje no neo-perceptualismo e na fenomenologia das intensidades.

Os anos 80 marcam a emergência da pós-modernidade, na qual, desde as linguagens da arquitetura e da paisagem urbana, proporciona-se uma visão quase turística, resultado de um historicismo eclético e de sentido decadente.



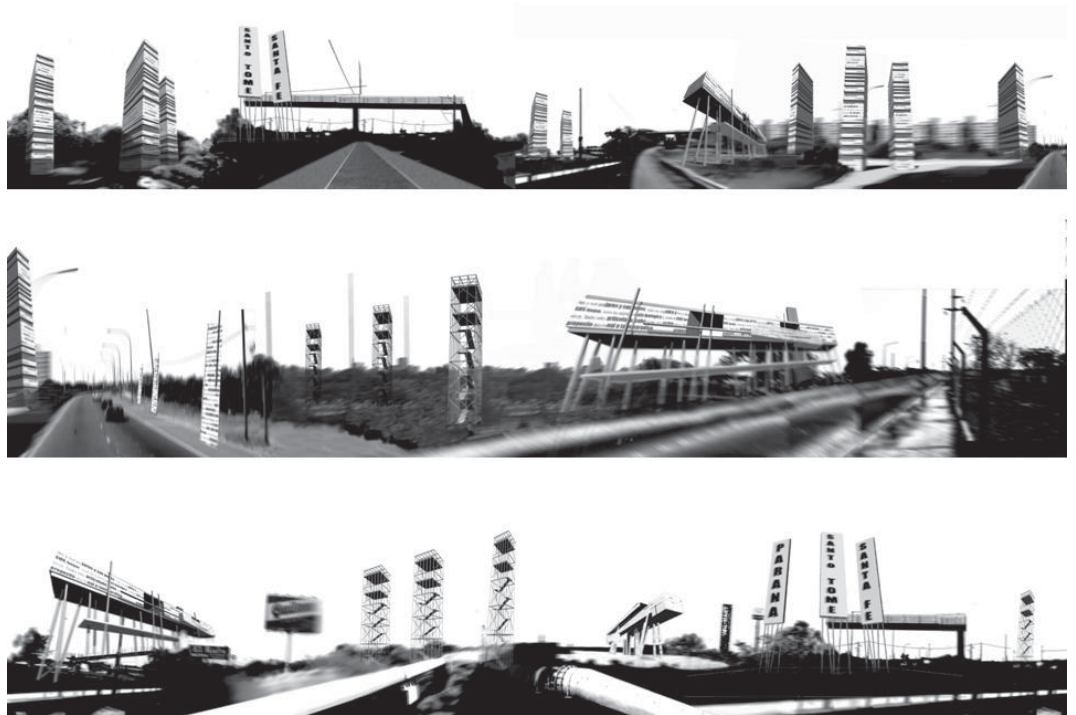


Figura 6: Mirantes da paisagem, barras sobreelevadas para atividades alternativas, torres de densificação habitacional. Paisagem heterológica da diversidade.

### Éstética e ecceidade

Nesta rápida exposição, aproximaram-se os fundamentos dos modos que a paisagem urbana percorreu, discursiva e espacialmente em matrizes de pensamento e seus “empréstimos disciplinares” no século XX: o conceito de lugar, qualidades de próximo, limitado, perceptível e inteligível.

Subjaz em um fundo de ressonância outro componente da substância da paisagem: seu valor estético.

Por motivo da extensão e da finalidade deste trabalho, apenas fizemos referência ao paradigma inaugurado por Emmanuel Kant, o qual acompanhou boa parte da produção estética vinculada ao projeto da modernidade: as diferenças entre as categorias do belo e do sublime, o juízo de valor e finalidade estética, a separação entre juízo de emoção e juízo de razão, entre outras

reflexões que evidenciam a procura empreendida por Kant por categorias de regulação estável, por juízos a priori no plano estético, mediante sucessivas operações de síntese. A colocação da questão inicia o percurso da estética “métrica”. A paisagem navegará na lógica métrica da representação simbólica.

Sobre esta base e em relação à contemporaneidade na qual se percebem índices, presentes com maior ou menor intensidade em paralelos e sobrepostos à lógica da paisagem simbolizada, é possível, hoje em dia, vislumbrar as enunciações dismétricas da paisagem.

Devido à natureza distinta dos conceitos levantados, exporemos brevemente alguns elementos que contribuíram para a interpretação estética que denominamos “desestética paisagística”.

## Tempo

Se no conceito cronológico, o tempo é mensuração métrica da variação linear da experiência acumulativa que nele teve lugar, boa parte das teorias artísticas fundamentou a produção estética como um salto categorial, uma arritmia do tempo monótono, marcando um descentramento do sucedâneo, e considerando que, por estar à margem das expectativas e da doxa social da cultura, o estético é uma viagem que equilibra a pesada carga da abulia e anomia do sujeito, aquilo que Nietzsche antecipara como já arrojada às "X".

Imerso nesta sensação desoladora da paisagem metropolitana, Walter Benjamín narrará seus passeios poéticos na figura do flaneur, o "descomprometido" e peripatético passeante da oníria pavimentada; o paradoxo de seu olhar pincela de maneira inédita o rosto-paisagem da cidade.

Hoje na paisagem da cidade do derrame e dos corredores, registramos um tempo assincrônico,

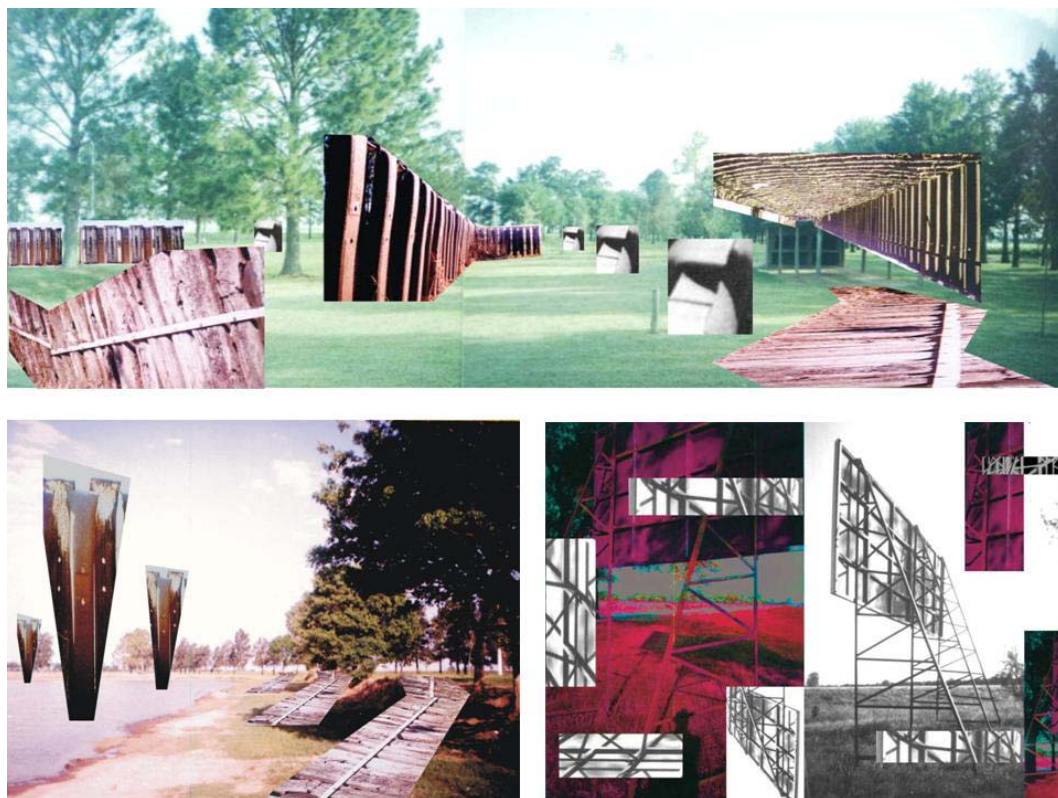
não-serial, acelerado, derramado e fluido, tempo do espaço liso não-linear, mas vetorizado. Este é o tempo do passar-ver-passar, que converte em espectros as imagens do aparecer esporádico, torna instantânea e simultânea a paisagem convertida em imagens do passar-tempo.

## Virtualização

O virtual foi adotado antes pela arte, que pelo mundo dos computadores. A passagem da arte clássica à estética da modernidade, assumida pelas vanguardas artísticas do século XX, representou o abandono da analogia mimética, abrindo caminho para processos de substituição semântica.

A autonomia da arte se manifesta nos códigos e convenções que suplantaram o iconográfico: o objetivismo abstrato. Renovou-se a tradição platônica dos universais da idéia que, no século XX, encontra a técnica para se constituir como linguagem. Acesso conceitual e acesso figurativo

**Figura 7:** Seminário Paisagem e Espaço Público 2003. Parque das esculturas, proposta de recoleção de material ferroviário conformando uma paisagem na escala de parque, cuja resolução propõe uma topografia infraestrutural.



se fundem na idealidade de um sujeito universal que interpreta os códigos da permanência geométrica da idéia. Mondrian constitui a referência da ideoeestética.

Em outra vertente estética do século XX, o surrealismo, a virtualização da realidade tomou outras formas: em Magritte, "tomando vistas" da instantaneidade do olhar; desfamiliarizando o objeto cotidiano e deslocando sua intensidade contextual.

Em Dalí, a virtualização tem lugar durante a vigília freudiana do inconsciente, esperando o momento do salto do consciente para o inconsciente, estendendo esse lapso fugaz em tempo pictórico. Ambos, sem se submeterem à figuração abstrata, reinterpretem outra linha, a fisioestética, herdeira de Aristóteles, que fundamentou suas bases em suas reflexões sobre o empirismo, a matéria e o mundo concreto.

A paisagem percorreu as oposições do par abstrato-concreto, do idealismo ou do empirismo: raramente

se detendo nos tons cinzas que separam o branco do negro.

Nesta paisagem desestética não cabe o confronto binômico. Pode-se pensá-la como a concretização real da desapareição ou como a desapareição concreta do preexistente. Sua estética constitui desde já e daqui um lugar "outro"; não requer a separação do eixo do cotidiano, pois esta paisagem não representa a cotidianidade, é *hit ed numc*: aqui e agora, neste presente, sob suas próprias circunstâncias, fazendo-se no mesmo instante em que se está esfumando o tempo discursivo; ela transcorre. É a elevação estética da ausência da sincronia do vivido. Neste sentido a paisagem contemporânea é passível de conceituação como presentização construtivista: energia na matéria e conceito na performatividade.

### Subjetividade e objetividade

A subjetividade foi colocada em termos científicos pela psicologia, paradigmaticamente por Freud e

**Figura 8:** Estética paisagística dismétrica, as balizas do parque e os caminhos laterais contrastam com o encontro da ferrovia com a água e a vegetação existente. Natureza e artifício são textualidades não convergentes.



Lacan. O problema do inconsciente no primeiro pode ser interpretado como a individuação da subjetividade; é no lado oculto do inconsciente do sujeito onde se reafirmam as condicionantes da formação de sua consciência subjetiva. Chamam a atenção os textos nos quais Freud se refere à criatividade estética, afirmando que a psicanálise deve guardar distância do domínio da arte, já que o artista é uma figura anti-metonímica: não é a parte que represente a totalidade.

Com Lacan se instaura a análise do “outro” eu, alteridade que se manifesta na linguagem, o “outro” é proxemia quando o atinge a palavra, desde este âmbito cognitivo se reafirma o conhecido e cognoscível em sua capacidade de “captura da palavra”.

Entre as recentes contribuições ao entendimento da subjetividade, os trabalhos sobre a subjetividade parcial, que Félix Guattari vem desenvolvendo por meio do conceito de produção polifônica, exploram a heterogeneidade dos fatores que condicionam a formação do subjetivo, assim como simultaneamente a singularidade de cada um, em uma conquista de autonomia entendida como autopoiesis. Esta lógica analítica desdobra a performatividade teatral e rizomática da subjetividade, artificial e criacionista estética. A subjetividade é neste autor: individual-coletiva-institucional, desta maneira Guattari abre um interstício na dicotomia social-individual mediante a introdução da socialização do subjetivo.

## Imagem

Para finalizar, esboçaremos alguns conceitos, operadores emergentes de estudos sobre o status cultural da imagem, que se conectam com a imagem urbana, o espaço público e afetam o status da paisagem contemporânea.

Desde o campo semiótico, a imagem antes que se estabelecer na linguagem simbolizada, indica um estado dialetal, a convenção que está na base lingüística da codificação é colocada em questão pelos formantes expressáveis auto-referenciais, produzindo re-presentação, ecceidade.

Os fenômenos contemporâneos urbanos que se manifestam no nível indicial do referente, se apresentam saturados e se analisam, segundo Jean Marion, por sua fenomenalidade, atendendo à síntese instantânea de máxima intensidade. A síntese instantânea, produto da velocidade e da aceleração, é estudada em novos campos para as competências perceptivas,

Paul Virilio enuncia, sob o conceito de percepções crono-fotográficas, as ilusões impostas à fisiologia de nossos órgãos de percepção, na passagem da motricidade do sujeito à maquinidade social e rastreia o deslocamento do registro fora do tempo vivido, pela modificação do tempo de exposição sensível da retina.

## Desfecho

Ao final do caminho das paisagens da paisagem, renova-se uma tradição comum às disciplinas projetuais, a necessidade de procurar rastros nos bordas da disciplina e recorrer aos saberes culturais que colaboram enriquecendo a disciplina, concedendo-lhe sentido.

A paisagem é uma entidade transversal à cultura; este trabalho pretende encontrar uma abertura que a disponha como uma problemática a percorrer, assumindo uma atitude semelhante àquela despertada por uma paisagem que não se completa por sua simples percepção.

Se pensarmos em definir qual seria a forma da paisagem contemporânea à luz do exposto, abrem-se diferentes leituras interpretativas, identidades diversas, contextos mutáveis de produção, espacialidades não paradigmáticas. Em certo sentido “formas débeis”, interpretando as apreciações de Gianni Vattimo. Essa mesma debilidade tem atualizado a forma como problemática permanente e a colocou em um âmbito nem sempre único e centralizado, passível de ser repensada desde contextos em transformação.

Forma e idéia mantiveram uma tensão permanente, dinamizando os processos culturais do Ocidente. A paisagem, com suas tradições formalistas,



pintorescas, situacionistas ou abstracionistas, para nomear os tipos culturais mais em evidência, não escapou a estas buscas e definições.

O certo é que aceitamos que é a “idéia” que incita a pensar a “forma”, como em um caminho linear e único. Da mesma maneira que na percepção da paisagem, o mais próximo é, às vezes, surpreendente. Permitam-me então uma proximidade, abrir o dicionário de Filosofia para rastrear acepções genealógicas e cronológicas da palavra “idéia”:

1-aspecto, 2-aparência, 3-forma, 4-forma distintiva, 5-caráter, 6-índole, 7-modo de ser, 8-gênero, 9-espécie, 10-classe, 11-maneira, 12-meio, 13-procedimento, 14-opinião, 15-idéia, 16-forma ideal e 17-arquétipo.

Minha reflexão final é, em que lugar da idéia e desde que aspectos da idéia constroem vocês suas noções de formas paisagísticas?

## Referências Bibliográficas

- Serres, M. (1995). Atlas. Madrid: Cátedra.
- Arroyo, J. (2002). El proyecto de arquitectura en la ciudad distópica. En M. Vitale (Dir.), Actas de las Segundas Jornadas del Centro del País (pp. 88-90). Santa Fe: Centro de Publicaciones UNL.
- Vitale, M (2002). ¿Señales débiles?: paisaje heterológico de las imágenes indiciales. En S. Furnó y M. Arturo (Comps.), Eniad 2002. La Plata: Facultad de Bellas Artes UNLP.
- Navarro, M (2002). Del status de la imagen y la crítica de la profundidad filosófica en el pensamiento contemporáneo. En M. Vitale (Dir.), Actas de las Segundas Jornadas del Centro del País (pp. 13-15). Santa Fe: Centro de Publicaciones UNL.
- Malachevsky, J (1992). Migraciones de sentido. Santa Fe: Centro de Publicaciones UNL.
- Derrida, J. (1999). No escribo sin luz artificial. Valladolid: Cuatro edit.
- Deleuze, G. (1989). Lógica del sentido. Barcelona: Paidós.
- Vitale, M (2003). Paisaje heterológico de las nuevas formas indiciales urbanas. CD 51º Congreso Americanistas 2003. Santiago de Chile: Universidad de Chile.
- Deladalle, G. (1996). Leer a Peirce hoy. Barcelona: Gedisa.
- Virilio, P. (1998). Estética de la desaparición. Barcelona: Anagrama.
- Careri, F. (2002). El andar como práctica estética. Barcelona: G. Gili
- Pabón y Suárez de Urbina, J. (1990). Diccionario de Filosofía Griego-Español: Espasa Calpe edit.
- Hernández, J. (2002). El espacio como creación, un concepto intensivo, expresivo, cualitativo. En M. Vitale (Dir.), Actas de las Segundas Jornadas del Centro del País (pp. 21-24). Santa Fe: Centro de Publicaciones UNL.
- Virilio, P. (2001). El procedimiento silencio. Buenos Aires: Paidós.